

Cuidados na obra são especiais

A construção da usina do Grupo OK lembra as imagens da criação de Brasília, tanto pelo fervilhar de trabalhadores pelos canteiros, como pela velocidade com que as obras são feitas e a rapidez com que serão concluídas, tudo sem que se despreze questões de segurança atuais ou futuras. Todos os cuidados são tomados. Os diversos setores foram projetados e estão sendo construídos para que não haja riscos nem para as pessoas que trabalharão como para o produto a ser fabricado. A matéria-prima — o grão da soja — mereceu cuidados especiais. O local de armazenamento sofreu obras que evitem a umidade. No tempo em que estiver estocado, o grão terá aeração permanente, de modo que — sendo necessário — possa ficar por tempo indeterminado. Com menos de um ano do início das obras a fábrica está pronta para receber os equipamentos que a farão funcionar. Alguns setores, como o graneleiro, já estão em uso.

Atualmente trabalham na empresa 317 homens, contratados pela empreiteira que faz a obra. O regime é de tempo integral, com turnos se revezando. Só não se trabalha aos domingos. Parte dos trabalhadores é das cercanias — Valparaíso, Cidade Ocidental e Gama. Outros repetem os "candangos", vivendo em alojamentos. A alimentação é fornecida pelo Grupo OK, que a adquire de firmas especializadas.

Quando estiver em funcionamento, a usina propiciará 350 empregos diretos, fora as possibilidades de trabalho de plantadores, indústrias de latas e papelão e transportadores. Haverá, ainda, uma estação experimental de plantio de soja, em área de 60 ha, com a finalidade de estudar e desenvolver espécies, fomentar a cultura e ajudar os produtores do DF e região geoeconô-

mica por meio de informações técnicas.

OPERAÇÃO SOJA

A operação da usina começará pela pesagem dos caminhões que a princípio trarão os grãos pela BR 040. A balança instalada tem capacidade para pesar até 80 toneladas. Como o complexo industrial se limita nos fundos com a ferrovia, cogita-se a construção de ramal que possibilite o uso de vagões para transporte do grão e dos produtos acabados. A descarga será feita em quatro moegas, com oito metros de profundidade e capacidade de receber 120 toneladas por hora. Das moegas o grão será transportado em esteiras, instaladas no fundo, para uma pré-limpeza onde serão retiradas as impurezas vindas do campo. Se o grão apresentar umidade superior a 13 por cento irá para os secadores, sendo feita, a seguir, nova limpeza, ficando com um por cento de impurezas. Dos secadores, o grão será jogado no graneleiro, estando em condições de ser iniciado o processo de produção do óleo.

Saindo do armazém é feita uma ressecagem do grão, visto que o processo industrial exige 10 por cento de umidade. A seguir ele vai para um "silo pulmão", capaz de receber 600 toneladas por dia, e aí entra na unidade de preparação, onde cada parte é triturada em 6 a 8 pedações, recebendo vapor, e passando num laminador que reduz as peças à espessura de uma folha de papel. As células onde se armazenam gotículas de óleo, ficam então, à mostra. No comum dos grãos, a quantidade de óleo é de 18 por cento. A soja plantada no cerrado apresenta teores de 19 ou 20 por cento.

Após a laminação, o produto vai para a unidade de extração, onde a massa laminada é vaporizada recebe produto que faz o óleo

desprender-se, passando pela "degomagem" onde são extraídos os sabões e primeiras graxas.

Começa aí a separação dos produtos. A massa de onde se extraiu o óleo, o farelo, vai para a unidade de peletização, sendo transformada em peças cilíndricas de consistência dura. O óleo é jogado em dois tanques com capacidade de 1 milhão de litros cada, indo, em seguida, para a unidade de refino. Numa primeira etapa serão refinadas 60 toneladas por dia.

O óleo refinado é transportado para a unidade de envasamento onde uma máquina enche e fecha as latas, que são colocadas de vinte em vinte nas caixas de papelão, indo a seguir para a expedição. A operação fecha-se aí. Além das latas convencionais de 900 ml serão produzidos modelos de 9 e 18 litros, além de tambores com 200 litros, destinados aos consumidores de óleo em larga escala, ou revendedores do produto.

O conjunto da fábrica contará com o setor de balança, portaria, vestiário, escritório técnico e laboratório para controle de qualidade — tanto da matéria-prima como dos produtos acabados, sendo feitas análises da produção de hora em hora — administração, restaurante, almoxarifado, oficinas de manutenção, enfermaria, depósito de lenha e cozinha, além da fábrica propriamente dita.

A principal fonte energética para produção do vapor que extrairá o óleo, fundamental no processo industrial, será a lenha. Deverão ser consumidos 130 metros cúbicos por dia, com a fábrica operando 300 dias por ano. O Grupo OK, através da OK Agro Florestal, pretende se tornar auto-suficiente em termos de lenha.

O eucalipto é o mais indicado por seu crescimento rápido.